

Telefones celulares: situacionalidades e materialidades, cultura e comunicação contemporâneas*

Gil Horta Rodrigues Couto
Faculdade do Sudeste Mineiro

Índice

1. Introdução	2
2. Bases Conceituais	3
2.1. Materialidades	3
2.2. Situacionalidades	4
2.3. Situacionalidade na Linguística Textual	4
2.4. Situacionalidade a partir das idéias de uso e de cenários de consumo do objeto-tecnologia (Silveira, 2003)	5
2.5. Métodos	6
3. Em Campo	7
3.0.1. No ambiente doméstico	8
3.0.2. Situacionalidade de Proximidade	8
3.0.3. Situacionalidade marginal	9
4. No Espaço Urbano	11
4.1. Situacionalidades: visível e preservação	11
5. Considerações Finais	12
6. Referências Bibliográficas	14

*Trabalho apresentado no GT5 tecnologias e estéticas da comunicação, do IV Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação-CONECO em novembro de 2009 com alterações a partir de sugestões ocorridas durante a discussão do estudo.

Resumo

– A partir de uma abordagem teórica e empírica procurou-se, nesse artigo, verificar como a cultura e comunicação contemporâneas são afetadas pelas situações/ posições dos telefones celulares definidas como os usos decorrentes nos cenários de consumo da tecnologia, isto é, ambientes domésticos e urbanos onde são repousados os aparelhos. Quais os sentidos emergem, majoritariamente, das materialidades e situacionalidades dos telefones celulares no cotidiano do usuário.

Palavras-Chave: Telefones Celulares; Materialidades; Situacionalidades; Cultura; Comunicação.

1. Introdução

O trabalho propõe apresentar, sinteticamente, parte de um estudo teórico e empírico¹ que foi produzido durante o período de pesquisa correlato ao mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Durante a pesquisa, procuramos verificar os usos e cenários de consumo dos telefones celulares em uma caminhada através do cotidiano de duas cidades. A escolha recaiu na nossa cidade de origem, Juiz de Fora e na cidade do Rio de Janeiro onde desenvolvemos os estudos em nível strictu.

Como ponto de partida, entendemos que das características mais notáveis da comunicação, a instantaneidade dos seus processos, na contemporaneidade, é fascinante. Nesse sentido, o celular – com suas múltiplas funções tais como mensagens escritas [SMS]², fotos, rádio, music players, etc. – torna-se ubíquo e ocupa, certamente, papel de destaque.

Por um lado poderíamos compartilhar das afirmativas de autores como Katz (1997, 2008), Felinto (2006), Pereira (2004; 2006), Eugenio e Francisco de Lemos (2007), Lemos (2007) e Santaella (2007) que apresentam características fundamentais para a expressiva difusão dos celulares. Seriam: a) forma diminuta em grande parte dos aparelhos; b) Portátil; c) Mobilidade.

Por outro, para além dos atributos mencionados, emergiria a importância do meio como agente de comunicação na opinião de autores como André Lemos (2007: 25) que inicia um de seus trabalhos afirmando que o celular é a

¹ Além da revisão bibliográfica, a pesquisa empírica utilizou fotografias de situações/ posições dos telefones celulares e questionários aplicados a 40 pessoas tais como usuários e gerentes de lojas. Explicitaremos, de forma mais detalhada, o universo pesquisado no desenvolvimento do texto.

² Mensagens de texto, normalmente, curtas que são enviadas de um celular a outro. Em inglês Short Message System.

mais importante ferramenta que converge às mídias na contemporaneidade ou de Giddens (2005: 379), que parece complementar esta afirmativa de Lemos (2007) ao dizer que o celular é o maior fenômeno das telecomunicações na contemporaneidade.

Contudo, apostamos que, nas análises do ato comunicativo, uma perspectiva tem sido negligenciada, isto é, a materialidade do meio. Assim, nos interessou verificar, dentro dos cenários de uso e consumo, como os impactos materiais, as materialidades dos telefones celulares, podem ser compreendidos como agentes nos processos produtores de significados. Associado a esse encaminhamento metodológico, agregamos o conceito de situacionalidades, comum a linguística, utilizado com propriedade por Silveira (2003) em sua tese de doutoramento³.

2. Bases Conceituais

Preocupa-nos, particularmente, a explicitação dos conceitos, isto é, promover um diálogo com autores tais como Gumbrecht (1995), McLuhan (1967, 2001), Benjamin (1994), Felinto (2006), Pereira (2005), Pereira de Sá (2004), procurando entender como evidenciam em seus estudos o suporte material como importante elemento ao ato comunicativo de forma a fundamentar nossas intenções e definir com mais clareza a idéia de situacionalidade.

2.1. Materialidades

4

Em síntese, a teoria das materialidades poderá ser entendida como o conjunto de estudos indicando que, para todo ato comunicativo deverá ser levado em conta o suporte material que dá base para esse ato, sem o qual não se pode

³ O Pesquisador Fabrício Lopes da Silveira defendeu em 2003 sua tese pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos [Unisinos]. Seu estudo abordou como a Televisão, destituída de seus conteúdos [programas, filmes, notícias, etc] pode gerar sentido. Certamente, essa perspectiva de Silveira (2003) aproxima-se muito da teoria de McLuhan (2001) *o meio é a mensagem*. Iremos discutir melhor essas definições no corpo do texto.

⁴ Sugerimos a leitura das obras de Walter Benjamin, por exemplo, seu texto *a obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* e *o trabalho das passagens* dentre outros trabalhos de WB. Para uma genealogia da idéia de materialidades da comunicação: Pereira de Sá (2004) e ainda trabalhos produzidos por Pereira (2004; 2005; 2006; 2009) e Felinto e Pereira (2005). Sugerimos, também, a obra *interseções: a materialidade da comunicação*, organizada por Rocha (1995).

compreender, plenamente, as dinâmicas de produção de significados em jogo⁵. Esta idéia simples que pode soar como um truísmo exige, ainda, atenção como observa Felinto (2006);

Que os atos comunicacionais envolvam necessariamente a intervenção de *materialidades, significantes* ou *meios* pode parecer-nos uma idéia já tão assentada e natural que indigna de menção. Mas é precisamente essa naturalidade que acaba por *ocultar* diversos aspectos e conseqüências importantes das materialidades na comunicação – tais como a idéia de que a materialidade do meio de transmissão influencia e até certo ponto determina a estruturação da mensagem comunicacional (P.36-37).

Gumbrecht (1995) um dos defensores da idéia de estudos sobre as materialidades da comunicação, apresenta argumentos acerca de como um meio pode influenciar nos processos de produção de significados e nas dinâmicas da comunicação. O exemplo citado pelo autor vem do seu colega Friedrich Kittler, ao pensar a influência da máquina de escrever no pensamento de Nietzsche. Assim, “Kittler especula, por exemplo, que o pensamento de Nietzsche poderia ter sido influenciado pela forma da máquina de escrever com a qual trabalhava, i. e., o filósofo teria sido influenciado pelo movimento corporal imposto pelo formato arredondado da máquina de escrever” (p. 24).

2.2. Situacionalidades

Recuperamos, inicialmente, uma definição advinda da lingüística textual. Em seguida abordaremos o termo em questão a partir do estudo *Situacionalidades Televisivas*, proposto por Fabrício Silveira (2003). Esses dois referenciais teóricos, certamente, ajudaram a compreender a idéia de situacionalidade, tal como a utilizamos como eixo central na pesquisa.

2.3. Situacionalidade na Linguística Textual

Encontramos o termo situacionalidade como um dos fundamentos teóricos na lingüística textual. Em conjunto com a intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e intertextualidade, a situacionalidade, de acordo com Beaugrande e Dressler (1983 APUD CHAVES, 2004), diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que

⁵ Verificamos nessa definição uma aproximação com a idéia defendida por McLuhan (2001) o *meio é a mensagem*.

ocorre. Nesse sentido, a importância da situacionalidade tem por característica situar o leitor dentro de um padrão de coerência. Sem a situacionalidade “o texto tende a parecer incoerente, por que o cálculo de seu sentido se torna difícil ou impossível” (KOCH & TRAVAGLIA, 2003, APUD CHAVES, 2004).

No contexto, a idéia proposta pela lingüística textual nos serve como metáfora, na medida em que teremos sempre que situar o contexto em que o telefone celular, fotografado, se apresentou.

2.4. Situacionalidade a partir das idéias de uso e de cenários de consumo do objeto-tecnologia (Silveira, 2003)

Em sua tese de doutorado, *Situacionalidades Televisivas; Comunicação, Consumo e Cultura Material*, Silveira (2003) procurou verificar como ocorre a recepção material dos aparelhos de televisão em diferentes contextos da cultura massiva.

Para Silveira (2003) os aparelhos de televisão, a partir de seus aspectos materiais, “podem vir a conformar ou a tensionar um conjunto de práticas e de hábitos de sociabilidade. Hábitos e práticas de interação social, instauradas no confronto com a técnica” (p.12).

O interesse de Silveira (2003) pelas situacionalidades ocorreu quando:

Há alguns anos atrás, por volta das oito da noite, chego em casa e encontro meu avô, diante da tevê, assistindo o Jornal Nacional, como de costume. O curioso era o fato de que, de tempos em tempos, olhando sempre fixamente o aparelho televisor, numa devotada atenção às notícias, meu avô trocava não de canal, mas de assento, passando de um sofá a outro, de uma poltrona a outra, recuando ou aproximando-se do monitor de tevê. Após alguns minutos, dirigindo-se a mim ele pergunta:

- Mas como é que ele [o apresentador Cid Moreira, no caso] sabe que eu estou mudando de lugar?

Meu avô permanecia sentado, imóvel num determinado ponto da sala, durante o tempo exato de apresentação de uma única notícia. O momento em que cruzava a sala de um ponto a outro, o intervalo em que se movimentava, era exatamente o mesmo em que, no estúdio [e/ou na tela], o apresentador do telejornal trocava de câmera, passando a encarar frontalmente outra câmera, não só marcando a conclusão de um determinado assunto, mas

conferindo agilidade e informalidade ao telejornal. Aquela coincidência fizera com que meu avô se sentisse visto [...] por Cid Moreira. Para mim, colocou-se ali a idéia de que alguma coisa interessante se passava no entorno [contexto] do aparelho de televisão, alguma coisa que era, simultaneamente, assimilada e projetada pelo próprio meio, traduzindo-se numa peculiar construção de linguagem e aclimatando contextos, funcionamentos da assistência. Bastante provocativas me parecem às interações físicas, posicionais ou disposicionais, processadas entre o televisor e os telespectadores – estas situações entre ambos (p. 12-13).

A partir desse relato, Silveira (2003), produz questionamentos que vão nortear sua pesquisa. Diz ele:

De que forma, ou com que impactos, este objeto-técnico [a televisão] redimensiona os ambientes da sociabilidade? Qual a diversidade destas “situacionalidades televisivas” (na expressão com a qual passamos a identificá-las não só no título, mas ao longo de todo o texto)? Como são compostas (com que conjunto de artefatos, mobiliários e objetos utilitários)? Que ações, que comportamentos prefiguram? E sobretudo: o que revelam sobre as imbricações entre *comunicação e cultura* na contemporaneidade? (p.13).

Descartados os conteúdos, entendidos como os programas que são apresentados pela TV [novelas, filmes, programas de auditório, etc.], a intenção de Fabrício Silveira fica bem clara e está voltada para o meio enquanto produtor de sentidos.

A partir dessas argumentações, conduzimos nossa pesquisa, sensíveis a questões tais como: os espaços [doméstico e urbano] podem influenciar as situacionalidades dos celulares? Os celulares, através de seus atributos materiais, forma e cor, por exemplo, podem conformar situacionalidades? Essas situacionalidades podem gerar significados?

2.5. Métodos

Em Dencker e Chucid da Viá (2001) encontramos elementos modelos no uso do trabalho qualitativo servindo como base na descrição do material que colhemos no período em que estávamos em campo.

No entender das autoras é importante o pesquisador realizar pessoalmente a maior parte do trabalho de campo, combinando métodos na coleta dos dados,

tais como as entrevistas, questionários, análise de documentos, fotos, observação direta, vídeo, etc.

Utilizamos, portanto, a observação direta, captação de mais de 350 fotos evidenciando as situações/ posições dos telefones celulares e a aplicação de 40 questionários em um universo que abrangeu usuários de ambos os sexos, acima de 18 anos, dentre eles, profissionais, empresários, proprietários e gerentes de lojas que comercializam telefones celulares e usuários da mídia.

Portanto, os questionários, contendo questões fechadas e algumas abertas, por exemplo, mostraram-se mais eficazes, pois, com sua utilização evidenciamos questões que não permitiram uma evasão significativa do tema central do estudo (CERVO E BERVIAN, 2002).

Os registros fotográficos foram feitos a partir do telefone celular LGMG 200 da fabricante LG como forma de compor a narrativa apresentada.

3. Em Campo

Antes de apresentar alguns exemplos é importante esclarecer que por ser o espaço aqui reduzido, utilizaremos um exemplo de cada ambiente pesquisado. Durante a apresentação oral mostraremos um conjunto de fotos⁶ que irá ilustrar o trabalho em questão.

Em outra instância, é importante mencionar a seção, no trabalho maior, dedicada ao design, fundamental para compreender como os atributos materiais tais como forma, cor, peso, influenciam nas dinâmicas de uso dos celulares. Como estamos em um espaço menor, sugerimos a leitura do capítulo dois de nossa dissertação, Couto (2009).⁷

⁶ Os registros fotográficos foram feitos a partir do telefone celular LGMG 200 da fabricante LG como forma de compor a narrativa apresentada.

⁷ Com o título *atributos materiais conformam situacionalidades*, em síntese, o capítulo dois trata de verificar como a linguagem do design pode auxiliar na compreensão de uso e consumo de um dado objeto. Especificamente, a atuação do design nos telefones celulares, portanto, reforça a idéia de que o consumo passou, também, a ser significativo na proporção em que atributos externos desses objetos foram sendo modificados, onde o tamanho, novas cores além do preto e cinza e formas arredondadas formaram um conjunto de variáveis físicas deflagradoras da intenção em possuir o objeto. Os objetos, na visão de Gomes Filho (2006) vão sofrendo as influências da cultura, do meio onde estão inseridos, da economia e, nesse sentido, as modificações materiais emergem atualizando ou ampliando as funções já existentes dos objetos ou criando novas funções evidenciando vivências outras.

3.0.1. No ambiente doméstico

O espaço doméstico traz em si dinâmicas que se alteram se compararmos uma residência com outra. A disposição dos móveis, as falas cotidianas e os afazeres domésticos são marcados por práticas próprias, portanto, cada casa tem seu ritmo (SILVEIRA, 2003). Nesse sentido, procuramos observar como se dá o uso do telefone celular nesse ambiente e quais as situacionalidades que poderiam emergir a partir desse uso.

3.0.2. Situacionalidade de Proximidade

8

Tomando por base os celulares acomodados no cotidiano doméstico, verificamos em casas diferentes que os distintos locais, onde ocorrem a situacionalidade do celular, são espaços práticos para o usuário. Fundamentamos essa afirmativa recorrendo aos usuários pesquisados que disseram que nem sempre, dentro de suas residências, o telefone celular está muito próximo, todavia, o aparelho fica repousado em um lugar prático que favoreça um acesso rápido. O celular fica posicionado estrategicamente, permitindo rapidez em um atendimento, caso aconteça uma chamada, por exemplo, ou configurando-se como objeto sempre visível, sempre disponível. Assim, uma primeira possibilidade pode ser aventada a partir da posição do telefone celular dentro dessas residências. O uso do telefone celular nesse espaço poderia sugerir uma *situacionalidade de proximidade* que de imediato poderia ser definida como a situacionalidade que oferta a praticidade aliada a comodidade na utilização do telefone celular.

Com as informações da pesquisa empírica, notamos que para os usuários a praticidade do celular sempre próximo é o significado mais importante para a *situacionalidade de proximidade*. Como é móvel, podendo transitar por todos os cômodos, o celular se tornou prático no seu uso. Pode-se utilizá-lo em qualquer parte da casa e essa dinâmica gerou outro significado, a comodidade. Os pesquisados entenderam que o celular, por ser prático denota a comodidade acoplada aos processos de utilização. Por exemplo, não há necessidade de se retirar do local em que se está para *usar* o celular.

⁸ Para as situacionalidades que se seguem, encontramos na tese de Silveira (2003) sugestões para denominá-las no intuito de promover melhor encadeamento de suas definições.

3.0.3. Situacionalidade marginal

Definimos esta situacionalidade a partir de lados díspares. Por um lado a situacionalidade emerge do que Silveira (2003) observou quando os objetos se destinam ao descarte. Não servem mais para seus usuários, são vendidos, doados, excluídos, reciclados.

Por outro a situacionalidade pode se enquadrar nas idéias de Baudrillard (2006), quando o objeto que não mais será usado passa a ter outra utilidade: a lembrança. Assim, a situacionalidade marginal pode ser entendida como aquela que se refere tanto ao descarte do objeto ou para conservá-lo evocando recordações.

Retomando o descarte, Bauman (2001; 2007) fez, nesses dois momentos, críticas a essa prática. Diria ele que na contemporaneidade emergiu uma *dança das cadeiras* entendendo-a como o livrar-se do usado, mesmo que tenha ainda uma função, mesmo que esteja em bom estado, adquirindo o novo, o moderno, por que “não há qualquer razão para ficar com um produto inferior ou envelhecido em vez de procurar outro “novo e aperfeiçoado” nas lojas” (BAUMAN, 2001: 188). Essa crítica de Bauman correlaciona-se com as práticas atuais de consumo que para este momento não caberia um aprofundamento maior⁹, mas encontramos nessa dinâmica de substituição do *velho* pelo *novo* uma fundamentação para a situacionalidade marginal.

Por exemplo, uma pista pode ser encontrada a partir de um fragmento de entrevista feita por Silveira (2003), em uma associação de recicladores de lixo¹⁰, para o seu estudo sobre as situacionalidades televisivas. Silveira (2003) procurou entender, de modo geral, como os eletrodomésticos eram descartados e se seriam reaproveitados de alguma maneira pelos recicladores. Chamou-nos a atenção um fragmento da entrevista onde a entrevistada refere-se aos telefones celulares.

- Eu queria saber o que tu lembras, além do que aparece aqui nas fotografias que vocês já encontraram: eletrodomésticos, algum objeto mais caro que tenha chamado à atenção...

- celular tem bastante...

- Celular encontrado no lixo...

Hoje foi achado um...

⁹ Para essas questões ver CAMPBELL, Colin. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. Ver, também, Couto (2008).

¹⁰ O nome da entrevistada, conforme Silveira (2003) é Celoir Saraiva. A entrevista foi realizada em 22/03/2001 no loteamento Carvalhada. Cidade de Porto Alegre/ Rio Grande do Sul.

- O celular vem funcionando. A gente liga para os donos. Eles colocaram fora por que compraram um mais novo. Eles colocam direitinho com carregador e tudo para as pessoas que acharem.
- O estado de conservação é bom. Eles compram outro novo e colocam esse aqui...(SILVEIRA, 2003:36).

A prática descrita acima valida a crítica de Bauman (2001; 2007). O descarte passaria a ser ator com papel de destaque nessa encenação: adquirir o novo, usar [pouco] e descartar, mas este objeto *velho*, especificamente o telefone celular, apresentaria em si quando reaproveitado por outra pessoa que o recebeu através de uma doação ou até mesmo encontrou no lixo um outro significado. Ou seja, isso demonstraria a validade do telefone celular para qualquer um na contemporaneidade. Portanto, do descarte surgiriam significados que abrangeriam a incontinente pulsão pelo novo por um lado e pelo outro o reaproveitamento ligado ao valor simbólico que a mídia oferta.

Em um outro aspecto da situacionalidade em questão, nos deparamos com o objeto antigo, entendendo-o como aquele que destituído de suas funções, até mesmo completamente fora de uso, existiria para significar o tempo (BAUDRILLARD, 2006: 82). Mesmo que seja usado como peça de decoração sob uma estante, sua função ultrapassa a de apenas ser um objeto decorativo que, como bem lembra Baudrillard (2006: 81), pertenceria a uma categoria de objetos que “respondem a um propósito de outra ordem: testemunho, lembrança, nostalgia, evasão”.

Produzindo uma síntese dessas análises, poderíamos observar, rapidamente, as situacionalidades, aqui mencionadas, através do quadro abaixo:

SITUACIONALIDADE	SIGNIFICADOS POSSÍVEIS
PROXIMIDADE:	<i>Praticidade; comodidade.</i>
MARGINAL:	<i>Lixo; doação; reciclagem; comércio; lembrança.</i>

Porém, as nossas questões continuam. Partindo para o espaço urbano emergiriam outras situacionalidades? Transcendemos o espaço doméstico.

4. No Espaço Urbano

Pelo seu caráter ubíquo, partimos em busca das situacionalidades do telefone celular que ultrapassam as fronteiras reguladoras do espaço doméstico. Assim, nossas observações abrangem duas novas situacionalidades correlatas ao uso em local público [escolhemos como ponto de observação um bar].

4.1. Situacionalidades: visível e preservação

O bar em questão tem boa parte das mesas distribuídas pela sua parte externa. No dia em que foram feitos os registros fotográficos estava, especificamente, sendo comemorado algo envolvendo um de seus ocupantes. As pessoas estavam reunidas e eram servidas bebidas e churrasco. Praticamente todos os ocupantes das mesas tinham celulares e isso despertou nossa atenção em um primeiro momento pela diversidade de aparelhos sobre as mesas. Nesse sentido, observamos uma dinâmica interessante. Em um dado momento a grande parte dos telefones celulares estava sobre a mesa evocando o que Silveira (2003), de forma semelhante quando estudou a materialidade da televisão, indicou como *situacionalidade visível*. Isso faz com que conjecturamos o status, em outras palavras, quando o objeto está exposto para significar, por exemplo, a distinção social.

Contudo, outros significados possíveis, indicados pelos usuários, seriam: a sinalização – tanto visual [o visor do aparelho aceso] quanto auditivo [o ring tone do celular em funcionamento] e até mesmo o sentido tátil [a função vibracall em contato com a mesa produzindo efeito característico] – de uma chamada ou mensagem recebida ou a comodidade, pois no momento que haja a necessidade de usá-lo poderá ser alcançado de forma rápida e essa dinâmica revelaria um grau de conforto no uso do celular.

Todavia, para essa situacionalidade visível, emergiram dois outros significados contrários as exposições dos celulares sobre a mesa. Discrição e precaução foram apontadas como significados possíveis a situacionalidade em questão. Como discrição, os usuários relataram que não gostam de despertar atenção para os objetos que possuem quando estão em locais públicos e – se no exemplo acima o usuário dispõe o moderno celular significando distinção social – em sentido contrário deparamo-nos com uma resposta apontando a precaução contra um possível furto ou até mesmo esquecimento do celular disposto sobre a mesa.

Ainda no contexto do bar verificamos que o posicionamento do celular sobre a mesa sugeriria uma segunda situacionalidade nesse ambiente. É sabido que nas mesas dos bares há a existência de vários objetos ocupando o mesmo

espaço tais como copos, garrafas, pequenas travessas, jarras. São comuns nesses objetos, líquidos e alimentos [cerveja, água, refrigerante, porções de carne, batatas, etc.]. É sabido, também, da fragilidade dos dispositivos tecnológicos e dos prejuízos que podem ocorrer caso entrem em contato com líquidos ou gorduras, sal, etc. Pode haver, desde a perda total do aparelho, até mesmo deformações na sua estrutura material tais como manchas causadas pelo sal ou a gordura. Nesse sentido, a *situacionalidade de preservação* traz consigo, como significados possíveis, o cuidado, a própria precaução e a dinâmica de se evitar acidentes.

Uma grade analítica das situacionalidades em questão sugeriria:

SITUACIONALIDADE	SIGNIFICADOS POSSÍVEIS
VISÍVEL:	<i>Sinalização; comodidade; status; discricção; precaução.</i>
PRESERVAÇÃO:	<i>Cuidado; precaução; evitar acidentes.</i>

5. Considerações Finais

O trabalho que por ora se encerra, evitou a interpretação do fenômeno para apostar no próprio fenômeno como capaz de revelar significados. A partir daí, procuramos confirmar nosso entendimento, dos significados expressos, através de dados obtidos dos próprios usuários dos celulares.

Tínhamos a teoria das materialidades fundamentando o trabalho e a ela acoplamos a abordagem inédita de Silveira (2003), sobre as situacionalidades da tecnologia, para chegarmos onde pretendíamos, em outras palavras, as situacionalidades revelando que a posição dos objetos tecnológicos podem evidenciar, também, significados.

Se por um lado, o cotidiano, conforme já disseram Nicolaci-da-Costa (2006), Santaella (2007) e Souza e Silva (2006), absorveu a tecnologia de maneira sutil, sem comoções, sem rupturas demonstrando que os usuários introduziram o telefone celular as suas atividades corriqueiras, por outro, suspeitávamos que, implicitamente, a partir desses usos, até mesmo triviais, emergiria um objeto de estudo [as situacionalidades] e por consequência iríamos nos deparar com mensagens outras. Essa foi a nossa aposta.

Reconhecemos a importância dos questionários aplicados durante a pesquisa de campo. Se por um lado o questionário foi de grande importância para que não ocorressem desvios significativos nas respostas com o intuito de não perder o foco da pesquisa, por outro se mostrou método eficaz para conhecermos quais os significados advindos das situacionalidades dos celulares através da opinião dos próprios usuários. Nesse aspecto, os pontos que vamos listar na sequência soam mais como impressões razoáveis do que conclusões fechadas sobre o assunto, talvez permitindo o encontro de pistas que se desdobrem em outras frentes de trabalho.

Evidenciamos uma *situacionalidade de proximidade* demonstrando, inicialmente, a praticidade de acesso, mas para além desse significado, notamos que essa situacionalidade oferta, ao usuário, à comodidade de uso de seu telefone celular em determinados ambientes da casa. Para os pesquisados, os locais de repouso de seus celulares podem ser beirais de janelas nos quartos, estantes das salas, sobre mesas, posicionamentos que, em um primeiro momento revelaram a comodidade, mas em última instância denotaram a frustração.

Não é nossa intenção escapar do assunto de nosso trabalho, mas constatamos, na análise das respostas, um grau de frustração correlato aos serviços prestados pelas operadoras de telefonia móvel. Estamos abordando a comodidade, entretanto nem sempre esse significado pode ser contemplado quando o telefone celular é utilizado para a realização ou recebimento de uma chamada, envio ou recebimento de uma mensagem de texto. Por questões técnicas, as transmissões costumam sofrer interferências ou até mesmo a perda total do sinal dos celulares. Por um lado os aparelhos se assemelham cada vez mais aos computadores [o I-phone, por exemplo,] por outro, uma de suas funções inaugurais, o uso para ligações, ainda está distante de atender com qualidade.

Ainda nesse ambiente doméstico, mas em outra abordagem, verificamos o que acontece quando o telefone celular perde seu valor para o usuário. As respostas apontaram para dois destinos iniciais, o lixo por se tratar de um objeto indesejado ou o descarte consciente, nesse sentido, quando uma *situacionalidade marginal* evoca o descarte, mas também a consciência ecológica, percebe-se que os celulares podem sugerir novos hábitos. Enquanto para aqueles o lixo é o local mais adequado para desfazer-se de um objeto que não desejam mais, para estes, devolverem o aparelho em uma loja que possa encaminhar a uma reciclagem permite evitar danos ecológicos, pois os componentes externos e internos dos celulares constituem-se elementos de difícil absorção pelo meio ambiente.

Mas essa situacionalidade marginal desvela outros destinos ao celular. Enxergamos dinâmicas interessantes como o comércio paralelo e autônomo dos

telefones descartados que são vendidos por valores reduzidos ou pelo valor simbólico que adquire quando evoca algum tipo de nostalgia por ter sido um aparelho que marcou determinada época ou situação.

Para além da domesticidade dos celulares, não poderíamos deixar de sublinhar algumas considerações que apontassem para as situacionalidades dos telefones celulares no espaço urbano, ou seja, nas dinâmicas da cidade.

Verificamos, nesse contexto, respectivamente correlato as situacionalidades visível e de preservação, a existência de um interessante jogo envolvendo os celulares sob a perspectiva situacional. São hábitos que foram emergindo formando uma cultura de práticas até então inexistentes onde observamos que os usuários demonstram cuidado com seus celulares [quando sobre as mesas de bares], querem mostrar seus aparelhos [a distinção social], preservá-los [receio em esquecer-los em algum lugar ou a ocorrência de um furto].

Em suma, resta para nós a esperança de que tudo o que aqui foi exposto possa servir para compreendermos, talvez novos códigos de comunicação a partir do estudo das situacionalidades compondo com as materialidades e como resultado esperado os significados que possam emergir.

6. Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, J. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEAUGRANDE, R e DRESSLER, W U. Introduction to text linguistics. Londres, New York: Longman, 1981_ Apud: CHAVES, M H G. *Chico Buarque Canta a Ditadura In_*: Revista Humanidades Em Foco – Educação, Ciência E Cultura. Ano 2 – N.º 4 – out/nov/dezembro de 2004. Disponível em: <http://209.85.207.104/search?q=cache:jFDf2IMmv94J:terra.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades/Beaugrande+e+Dressler&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=9&gl=br> Acesso 18/ março/ 2008.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- _____. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- CAMPBELL, C. *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CERVO, A L e BERVIAN, P A. *Metodologia Científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- COUTO, G H R. *Os Usos dos Celulares: Devaneios, Comunicação e Consumo, Decepção*. In_: Cadernos da Escola de Comunicação. Vol 6: Unibrazil, 2008.
- _____. *Telefones Celulares: os Impactos das suas Materialidades e Situacionalidades na Cultura e Comunicação Contemporâneas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.
- DENCKER, A F M e CHUCID DA VIÁ, S. *Pesquisa Empírica em Ciências Humanas: com ênfase em comunicação*. São Paulo: Futura, 2001.
- EUGENIO, F e FRANCISCO DE LEMOS, J. *Mídia Locativa e Uso Criativo em Telefones Celulares: notas sobre deslocamento urbano e entretenimento portátil*. In_: FREIRE FILHO, J e HERSCHMANN, MI (orgs). *Novos Rumos da Cultura da Mídia : indústrias, produtos, audiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- FELINTO, E e PEREIRA, V A. *A Vida dos Objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação*. Contemporânea. Vol 3. nº 1. 2005.
- FELINTO, E. *Passeando no Labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOMES FILHO, J. *Design do Objeto: bases conceituais*. São Paulo: Escrituras, 2006.
- GUMBRECHT, H U. *O Campo Não Hermenêutico e Adeus a Interpretação*. Cadernos da Pós. Rio de Janeiro: UERJ/IL – número 5, 1995.
- GUNTHER, H. *Celular ou não Celular*. Disponível em: <http://www.unb.br/acs/artigos/at0104-02.htm> acesso em 28/05/2007.

HAVELOCK, E. *Prefácio a Platão*. São Paulo: Papyrus, 1996.

KATZ, J E. As Conseqüências Sociais da Comunicação Sem Fio: Uma Análise Seletiva dos Setores Residenciais e Comerciais nos EUA. In_: STUDIES, Institute for Information. *Os Telefones e o Mundo Que Surgem da Comunicação Sem Fio*. Rio de Janeiro; Expressão e Cultura, 1997.

_____. (org). *Handbook of Mobile Communication Studies*. Cambridge, Massachusetts: Mit Press, 2008.

KOCH, I G. V e TRAVAGLIA, L C. Texto e Coerência. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003 _ Apud: CHAVES, M H G. *Chico Buarque Canta a Ditadura* In_: Revista Humanidades Em Foco – Educação, Ciência E Cultura. Ano 2 – N.º 4 – out/nov/dezembro de 2004. Disponível em: <http://209.85.207.104/search?q=cache:Beaugrande+e+Dressler&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=9&gl=br> Acesso 18/ março/ 2008.

LEMOS, A. Comunicação e Práticas Sociais no Espaço Urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirredes (DHMCM). In_: *Comunicação, Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing*. V.4, n.10 (Julho 2007). São Paulo: ESPM, 2007.

MCLUHAN, M. *O Meio são as Massa-gens*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

_____. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.

NICOLACI-DA-COSTA, A M. Internet: uma nova plataforma de vida. In_: NICOLACI-DA-COSTA, A M (org). *Cabeças Digitais*. Rio de Janeiro: PUC- Rio, São Paulo: Loyola, 2006.

PAPER, L J. Uma Opinião Pessoal: a política da revolução da comunicação sem fio. In_: STUDIES, Institute for Information. *Os Telefones e o Mundo Que Surgem da Comunicação Sem Fio*. Rio de Janeiro; Expressão e Cultura, 1997.

PEREIRA, V A. Tendências das Tecnologias de Comunicação: da fala às mídias digitais. In_: PEREIRA DE SÁ, S e ENNE, A L (orgs). *Prazeres Digitais*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

_____. *Reflexões Sobre As Materialidades Dos Meios*. Embodiment, Afetividade e Sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias. In_: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

_____. *Marshall McLuhan, o Conceito de determinismo Tecnológico e os Estudos dos Meios de Comunicação Contemporâneos*. Unirevista, v. 01, n. 03, p. 01-09, julho, 2006.

_____. G.A.M.E.S. 2.0 – Gêneros e gramáticas de arranjos e ambientes midiáticos moduladores de experiências de entretenimento, sociabilidades e sensorialidades. In_: AUTON, H (org). *Web 2.0: Participação e Vigilância na Era da Comunicação Distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

PEREIRA DE SÁ, S. Mediações Musicais Através dos Telefones Celulares. In_: FREIRE FILHO, J e JÚNIOR, J J (orgs). *Comunicação e Música Popular Massiva*. Salvador: UFBA, 2006.

_____. *Por Uma Genealogia da Noção de Materialidade(s) da Comunicação*. 2004 Disponível em: reposcom.portcom.intercom.org.br:8081/bitstream/1904/17787/1/1.pdf - acesso em 20 de dezembro 2007.

ROCHA, J C C. (org). *Interseções: a materialidade da comunicação*. Rio de Janeiro: Imago – EDUERJ, 1998.

SANTAELLA, L. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVEIRA, F L. *Situacionalidades Televisivas: comunicação, consumo e cultura material*. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Centro de Ciências da Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2003.

SOUZA E SILVA, A. Do Ciber ao Híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In_: Araújo, D C (org). *Imagem [IR] Realidade: comunicação e cibernídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

TWYVER, D. *Prefácio*. In_: STUDIES, Institute for Information. *Os Telefones e o Mundo Que Surgem da Comunicação Sem Fio*. Rio de Janeiro; Expressão e Cultura, 1997.